

3 METODOLOGIA

Toda reflexão metodológica entaiza-se, com efeito, numa prática particular, num espaço de trabalho específico.
(CHARTIER, 1991, p. 178)

3.1 DA ESCOLHA DO CORPUS

Essa pesquisa está fundamentada nos dados do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB e tem como *corpus* o conjunto de cartas que o constitui. A abordagem se desenvolve com base na pesquisa documental e bibliográfica. O estudo foi norteado pelos pressupostos teóricos da Dialetoлогия, da Sociolinguística, da Lexicologia e da Lexicografia, recorrendo-se ainda à História da Bahia, com maior ou menor intensidade, conforme o objeto tratado.

O método utilizado para a elaboração das cartas léxicas foi o da Geografia Linguística, a exemplo dos estudos dialetais e geolinguísticos realizados até agora, no Brasil, com o auxílio do programa computacional *Arcgis*.

A escolha do tema para esta pesquisa foi motivada pela nossa experiência enquanto bolsista de aperfeiçoamento científico do CNPq, nos idos de 1991 a 1993, junto ao Centro de Estudos Dialeológicos do Acre – CEDAC, posteriormente como professora substituta da Universidade Federal do Acre e pesquisadora do referido Centro de pesquisa, ocasião em que pudemos coletar por longos 6 anos as entrevistas que compõem o acervo do Projeto Atlas Linguístico do Acre – ALAC, projeto desenvolvido durante 5 anos junto à Universidade Federal do Acre - UFAC. Assim, pela identificação com a pesquisa de natureza dialeológica e geolinguística e considerando que não nos foi possível trabalhar com o *corpus* acima citado, optou-se por trabalhar com dados de um atlas já publicado, no caso o *APFB*, com base no qual se buscou descrever a realidade linguística do “falar baiano”, especificamente na região da Bahia, levando em consideração os aspectos semântico-lexicais, e visando estabelecer isoglossas que delimitem possíveis subáreas dialetais.

É importante salientar que a princípio visou-se identificar e delimitar subáreas dialetais dos “falares baianos” (Nascentes, 1953), e para isso

pensou-se em tomar como base do *corpus* o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (1963), o *Atlas Linguístico de Sergipe I* - ALS I (1987), o *Atlas Linguístico de Sergipe II* – ALS II (2005) e o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* – EALMG (1977), em virtude de a área assim configurada abranger os Estados de Sergipe, Bahia, parte de Minas Gerais (Norte, Nordeste e Noroeste) e parte de Goiás (atualmente Goiás e Tocantins).

No entanto, posteriormente, deliberou-se circunscrever o estudo à região do Estado da Bahia. Nesse sentido, pretende-se analisar, na perspectiva da Dialetoлогия, da Sociolinguística e da Geolinguística, as subáreas dialetais desse “falar” e identificar possíveis fronteiras dialetais nas áreas pesquisadas, fornecendo resultados em cartas léxicas.

3.2 SOBRE O APFB – REVENDO A HISTÓRIA CONSTRUÍDA

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB tem como autor Nelson Rossi e co-autoras Carlota Ferreira e Dinah Maria Isensee. Foi elaborado entre os anos de 1960 e 1963 e publicado no último ano. O APFB se constitui em um marco nos estudos da Geografia Linguística no Brasil não só por ter sido o primeiro trabalho a ser publicado, mas por sua fundamental importância para o conhecimento do falar regional da Bahia e, por extensão, de grande parte do falar nordestino.

Rossi contribuiu, sobremaneira, com a pesquisa dialetológica na Bahia, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, do qual era docente, tornando-se pioneiro na aplicação da Geografia Linguística, no Brasil, e colocando-se entre os que, com maior rigor científico e precisão metodológica, se empenharam na implantação dos estudos dialetológicos no território brasileiro.

3.2.1 Do questionário

O questionário linguístico usado nas localidades da Bahia tem um total de 182 perguntas (numeradas de 1 a 164, mas com algumas delas desdobradas em **a**, **b** e **c**), selecionadas a partir de material recolhido anteriormente em quatro localidades, onde foi aplicado um questionário

experimental de cerca de 3.000 itens. O *Extrato de Questionário* do *APFB* contempla, principalmente, o nível semântico-lexical e as perguntas que o compuseram foram agrupadas por área semântica e aplicadas mediante a formulação indireta. O *APFB* registra 720 formas, englobadas em quatro áreas semânticas: I - Terra; II – Vegetais; III – Homem; IV – Animais. (ISQUERDO, 2006).

Na realização dos inquéritos do *APFB*, ao lado da formulação indireta, utilizou-se um teste denominado “teste de identificação”, ou seja, quando uma pergunta não era respondida pelo informante ou quando era diferente da resposta antes obtida nos inquéritos preliminares, fazia-se uma pergunta objetiva e direta ao informante a fim de saber se ele conhecia determinada lexia, solicitava ao mesmo informações sobre o seu significado e/ou utilização, com o objetivo de identificar se tal lexia fazia parte de seu significado passivo. Um dos exemplos citados por Rossi (1967) no qual tal teste serviu para dirimir dúvidas e ou complementar uma informação anterior refere-se se à carta 26 (cova para semear) do *APFB*.

Desse modo, nos inquéritos para o *APFB*, as respostas foram anotadas imediatamente, após a audição de cada resposta do informante, em transcrição fonética, usando-se, assim, o método direto, pela própria dificuldade em utilizar aparelhos apropriados, uma vez que ainda não existiam aparelhos portáteis.

3.2.2 Das localidades

A rede de pontos do *APFB* recobre todo o Estado da Bahia e os dados foram recolhidos *in loco* numa rede de 50 localidades, selecionadas segundo critérios de antiguidade, afastamento de grandes centros, número de habitantes e distribuídas geograficamente em função de cada região. Os pontos foram distribuídos em 16 zonas fisiográficas em que se dividia, naquele momento, o Estado. Nas localidades selecionadas para a pesquisa, há trinta sede de municípios, entre as quais se incluem treze coincidentes com os pontos sugeridos por Nascentes nas suas *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil* (1958).

De acordo com um levantamento de dados, considerando os nomes antigos e atuais das cidades, o resultado vem indicado no Quadro 1, construído com base nos dados do IBGE (Ver também Mapa 5 – vol. 2).

Nº do Pont	Localidade registrada/APFB	Situação 1960	Município	Zona Fisiográfica	Situação 2010	Município	Microrregião Geográfica	Mesorregião Geográfica
1	Abadia	Distrito	Jandaira	Litoral Norte	Distrito	Jandaira	Entre Rios	Nordeste Baiano
2	Aporá	Município	Aporá	Litoral Norte	Município	Aporá	Alagoinhas	Nordeste Baiano
3	Rio Fundo	Distrito	Santo Amaro	Recôncavo	Distrito	Terra Nova	Catu	Metropolitana de Salvador
4	Santiago do Iguape	Distrito	Cachoeira	Recôncavo	Distrito	Cachoeira	Santo Antonio de Jesus	Metropolitana de Salvador
5	Abrantes	Distrito	Camaçari	Recôncavo	Distrito	Camaçari	Salvador	Metropolitana de Salvador
6	Velha Boipeba	Distrito	Cairu	Cacauera	Distrito	Cairu	Valença	Sul Baiano
7	Faisqueira	Povoado	Ubaitaba	Cacauera	Distrito	Ubaitaba	Ilhéus-Itabuna	Sul Baiano
8	Poxim do Sul	Distrito	Canavieiras	Cacauera	Distrito	Canavieiras	Ilhéus-Itabuna	Sul Baiano
9	Santa Cruz Cabralia	Município	Santa Cruz Cabralia	Extremo Sul	Município	Santa Cruz Cabralia	Porto Seguro	Sul Baiano
10	Buranhém	Distrito	Porto Seguro	Extremo Sul	Distrito	Guaratinga	Porto Seguro	Sul Baiano
11	Prado	Município	Prado	Extremo Sul	Município	Prado	Porto Seguro	Sul Baiano
12	Mucuri	Município	Mucuri	Extremo Sul	Município	Mucuri	Porto Seguro	Sul Baiano
13	Jeremoabo	Município	Jeremoabo	Nordeste	Município	Jeremoabo	Jeremoabo	Nordeste Baiano
14	Monte Santo	Município	Monte Santo	Nordeste	Município	Monte Santo	Euclides da Cunha	Nordeste Baiano
15	Mirandela	Distrito	Ribeira do Pombal	Nordeste	Povoado	Banzaê	Ribeira do Pombal	Nordeste Baiano
16	Vila Velha	Povoado	Itapicuru	Nordeste	Povoado	Itapicuru	Ribeira do Pombal	Nordeste Baiano
17	Conceição do Coité	Município	Conceição do Coité	Nordeste	Município	Conceição do Coité	Serriinha	Nordeste Baiano
18	Ipirá	Município	Ipirá	Feira de Santana	Município	Ipirá	Feira de Santana	Centro Norte Baiano
19	Água Fria	Distrito	Irará	Feira de Santana	Município	Água Fria	Feira de Santana	Centro Norte Baiano
20	Pedra Branca	Povoado	Santa Teresinha	Feira de Santana	Povoado	Santa Teresinha	Feira de Santana	Centro Norte Baiano
21	Maracás	Município	Maracás	Jequié	Município	Maracás	Jequié	Centro Sul Baiano
22	Jiquiriçá	Município	Jiquiriçá	Jequié	Município	Jiquiriçá	Jequié	Centro Sul Baiano
23	Boa Nova	Município	Boa Nova	Conquista	Município	Boa Nova	Vitória da Conquista	Centro Sul Baiano
24	Vitória da Conquista	Município	Vitória da Conquista	Conquista	Município	Vitória da Conquista	Vitória da Conquista	Centro Sul Baiano
25	Encruzilhada	Município	Encruzilhada	Conquista	Município	Encruzilhada	Itapetinga	Centro Sul Baiano
26	Campo Formoso	Município	Campo Formoso	Senhor do Bonfim	Município	Campo Formoso	Senhor do Bonfim	Centro Norte Baiano
27	Jacobina	Município	Jacobina	Encosta da Chapada Diamantina	Município	Jacobina	Jacobina	Centro Norte Baiano
28	Mundo Novo	Município	Mundo Novo	Encosta da Chapada Diamantina	Município	Mundo Novo	Itaberaba	Centro Norte Baiano
29	Itaberaba	Município	Itaberaba	Encosta da Chapada Diamantina	Município	Itaberaba	Itaberaba	Centro Norte Baiano
30	Morro do Chapéu	Município	Morro do Chapéu	Chapada Diamantina	Município	Morro do Chapéu	Jacobina	Centro Norte Baiano
31	Brotas de Macaúbas	Município	Brotas de Macaúbas	Chapada Diamantina	Município	Brotas de Macaúbas	Boquira	Centro Sul Baiano
32	Iraporanga	Distrito	Seabra	Chapada Diamantina	Distrito	Iraquara	Irecê	Centro Norte Baiano
33	Mato Grosso	Povoado	Rio de Contas	Chapada Diamantina	Povoado	Rio de Contas	Seabra	Centro Sul Baiano
34	Macaúbas	Município	Macaúbas	Serra Geral	Município	Macaúbas	Boquira	Centro Sul Baiano
35	Caitité	Município	Caitité	Serra Geral	Município	Caitité	Guanambi	Centro Sul Baiano
36	Condeúba	Município	Condeúba	Serra Geral	Município	Condeúba	Brumado	Centro Sul Baiano
37	Rodelas	Distrito	Glória	Sertão do São Francisco	Município	Rodelas	Paulo Afonso	Vale São-Franciscano da Bahia
38	Pambu	Povoado	Chorrochó	Sertão do São Francisco	Povoado	Abaré	Juazeiro	Vale São-Franciscano da Bahia
39	Carnaíba do Sertão	Distrito	Juazeiro	Baixo Médio São Francisco	Distrito	Juazeiro	Juazeiro	Vale São-Franciscano da Bahia
40	Sento Sé	Município	Sento Sé	Baixo Médio São Francisco	Município	Sento Sé	Juazeiro	Vale São-Franciscano da Bahia
41	Pilão Arcado	Município	Pilão Arcado	Baixo Médio São Francisco	Município	Pilão Arcado	Juazeiro	Vale São-Franciscano da Bahia
42	Barra	Município	Barra	Baixo Médio São Francisco	Município	Barra	Barra	Vale São-Franciscano da Bahia
43	Paratinga	Município	Paratinga	Baixo Médio São Francisco	Município	Paratinga	Bom Jesus da Lapa	Vale São-Franciscano da Bahia
44	Santana	Município	Santana	Médio São Francisco	Município	Santana	Santa Maria da Vitória	Extremo Oeste Baiano
45	Carinhanha	Município	Carinhanha	Médio São Francisco	Município	Carinhanha	Bom Jesus da Lapa	Vale São-Franciscano da Bahia
46	Ibipetuba	Município	Ibipetuba	Barreiras	Município	Santa Rita de Cássia	Colegipe	Extremo Oeste Baiano
47	Taguá	Distrito	Colegipe	Barreiras	Distrito	Colegipe	Colegipe	Extremo Oeste Baiano
48	Correntina	Município	Correntina	Barreiras	Município	Correntina	Santa Maria da Vitória	Extremo Oeste Baiano
49	São Desidério	Distrito	Barreiras	Barreiras	Município	São Desidério	Barreiras	Extremo Oeste Baiano
50	Ibiranhém	Distrito	Mucuri	Extremo Sul	Distrito	Mucuri	Porto Seguro	Sul Baiano

46 - Ibipetuba - houve alteração do topônimo para Santa Rita de Cássia, mas é o mesmo município.

Elaborado por Ana Regina T. F. Teles - Departamento de Transportes - UFBA, 2010

Quadro 1 – Localidades do APFB – o antes e o depois

3.2.3 Alteração na denominação de pontos da rede

Três razões principais deram lugar à variação toponímica nos municípios Baianos que integram a rede do *APFB*:

1. Simplificação de nomes compostos como, por exemplo, São Gonçalo dos Campos e São Miguel das Matas, simplificados para São Gonçalo e São Miguel, respectivamente;

2. Existência de localidades com o mesmo nome;

3. Mudança de sede. Para a maioria dos casos, a notação seguiu o Decreto Estadual nº 7.479, de 08 de julho de 1931.

Observou-se que o ponto 50 (Ibiranhém) foi unido, atualmente, a Mucuri, aumentando a área do segundo e provavelmente excluindo o primeiro. Assim, nessa nova versão o ponto 50 não apareceria. No entanto, optamos por conservá-los nas cartas léxicas elaboradas, mantendo, desse modo, os pontos delimitados na pesquisa do *APFB*.

3.2.4 Dos informantes

Os informantes do *APFB* são em número de 100, sendo homens e mulheres, com idade entre 25 e 84 anos, a maioria constituída de analfabetos e apenas um quarto deles semi-alfabetizados, naturais da localidade sob investigação e filhos de pais também da localidade, ligados a atividades rurais como agricultor, artesão, mulher rendeira, entre outras. Foram assim distribuídos: ao primeiro ponto inquirido, (ponto 5), compareceram todos os inquiridores que trabalharam com 6 informantes, aos pares; 2 pontos tiveram 3 informantes; 41 pontos, 2 informantes; e 6 pontos apenas 1 informante. Porém, com relação ao gênero, em sete pontos não há informantes masculinos, sobressaindo-se o gênero feminino, num total de 57 mulheres.

Além dos informantes, foram ouvidos quatro circunstantes que se incluem no *APFB*. Foram identificados com as letras A e B, sendo o informante A aquele que mais se aproxima do perfil de informante ideal ou cujo inquérito se desenvolveu sob condições mais favoráveis. Em duas das localidades – Rio Fundo, ponto 03, e Velha Boipeba, ponto 06, – em que se inquiriram três informantes, a identificação se faz com as letras A, B, C. Em Abrantes, ponto

05, que funcionou como ponto teste e onde se realizaram os seis primeiros inquéritos definitivos, os informantes se identificam com as iniciais dos dois inquiridores responsáveis pelo inquérito.

3.2.5 Dos inquiridores

Os inquiridores do *APFB*, além do seu coordenador Nelson Rossi, são oito licenciadas em Letras, recém-formadas que, ainda como estudantes, tiveram ampla formação, não apenas teórica, mas também, prática em Dialectologia e no método da Geolinguística (Quadro 2). São elas inquiridoras e também colaboradoras do *APFB*, pois participam, em grau distinto, das etapas posteriores de análise de dados e elaboração das cartas.

O Quadro 2 apresenta a relação dos inquiridores e os pontos em que cada qual atuou, conforme registra a Carta XI do *APFB*. Ressalta-se que, em cada inquérito, atuaram pelo menos dois entrevistadores. O número de informantes por localidade, no *APFB*, não é homogêneo, variando entre um por localidade e até seis em outra.

Nº DE ORD.	INQUIRIDORES	PONTOS	TOTAL
01	Anna Maria Martins Garcia	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 24, 33, 34, 35, 36, 42, 43	19
02	Dinah Maria Montenegro Isensee	4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 24, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 42, 43	18
03	Judith Mendes de Aguiar Freitas	1, 2, 5, 6, 13, 14, 5, 16, 17, 16, 19, 26, 27	13
04	Carlota da Silveira Ferreira	3, 5, 28, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 50	12
05	Josefina Barletta	5, 6, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 29	9
06	Cyva Ribeiro de Sá Leite	3, 5, 18, 20, 21, 22, 23, 25, 29	9
07	Tânia Meirelles Pedrosa	3, 5, 18, 31, 37, 38, 39, 40, 41	9
08	Nelson Rossi	5, 26, 27, 44, 45, 46, 47, 48, 49	9
09	Edelweiss Yêda d'Almeida Nunes	5, 20, 21, 22, 23, 25	6

Quadro 2 – Relação inquiridores/pontos inquiridos

3.2.6 Das cartas semântico-lexicais

O atlas constitui-se de um conjunto de 209 cartas das quais 154 são cartas fonéticas e léxicas, 44 são cartas resumo e 11 são introdutórias, que fornecem dados complementares de caráter geral. Os termos vêm transcritos no interior da própria carta ou com legendas e símbolos, em preto e branco e/ou coloridos. As cartas linguísticas vêm acompanhadas de notas, como por exemplo, a Carta 3, *Arco-íris* do *APFB*, cujas notas contêm ou o discurso dos autores ou o discurso dos informantes. Ilustra-se como exemplo das cartas linguísticas no *APFB*, a Carta 1 – Lua.

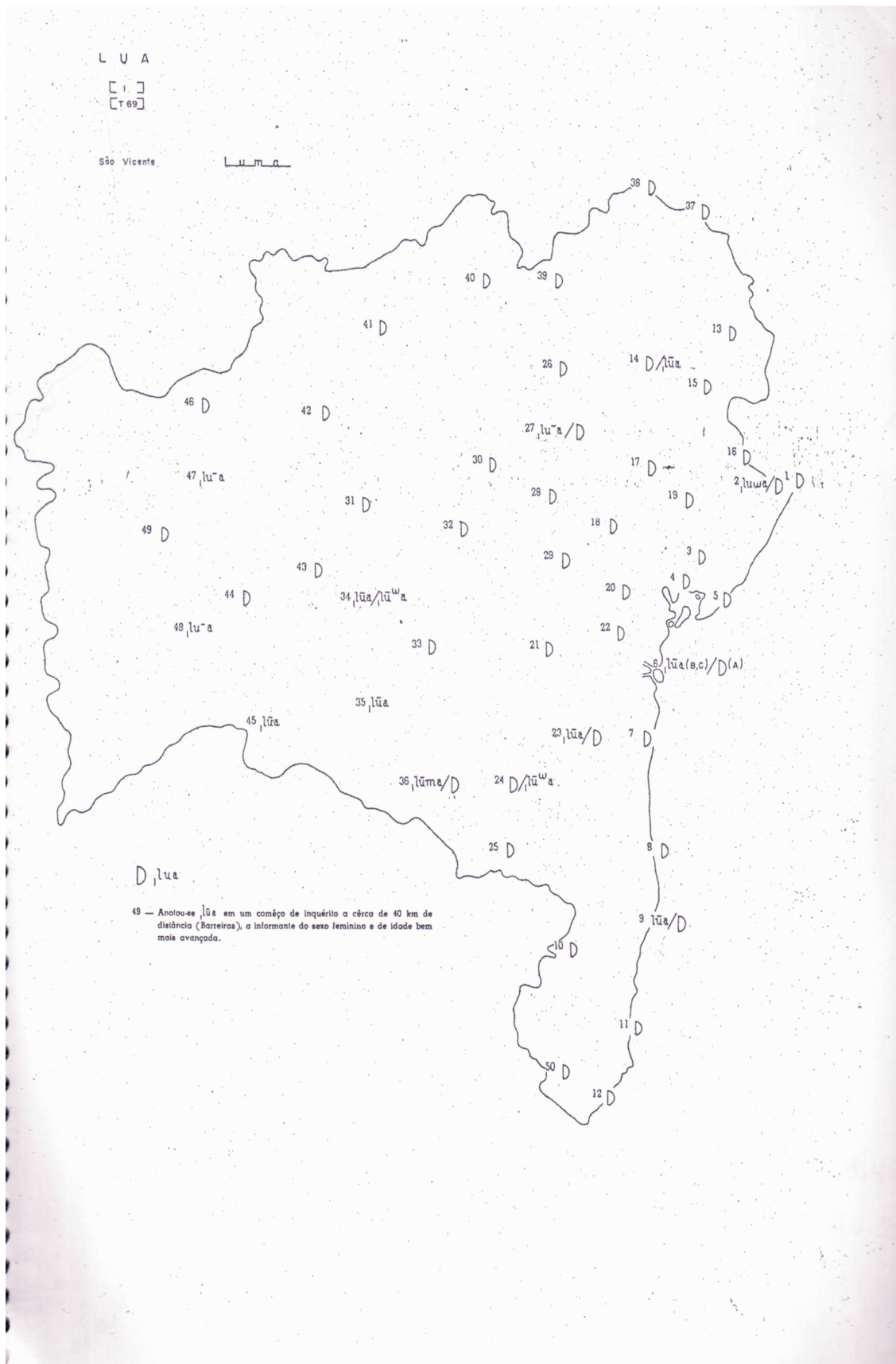


Figura 9 - Carta 1 – Lua

Fonte: ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

Outro exemplo de cartas linguísticas são as *cartas resumos* que vêm acompanhadas de legenda e como o próprio nome diz resumem os dados coletados. Temos como exemplo a Carta Resumo 52 R – Pó, rapé, fumo.

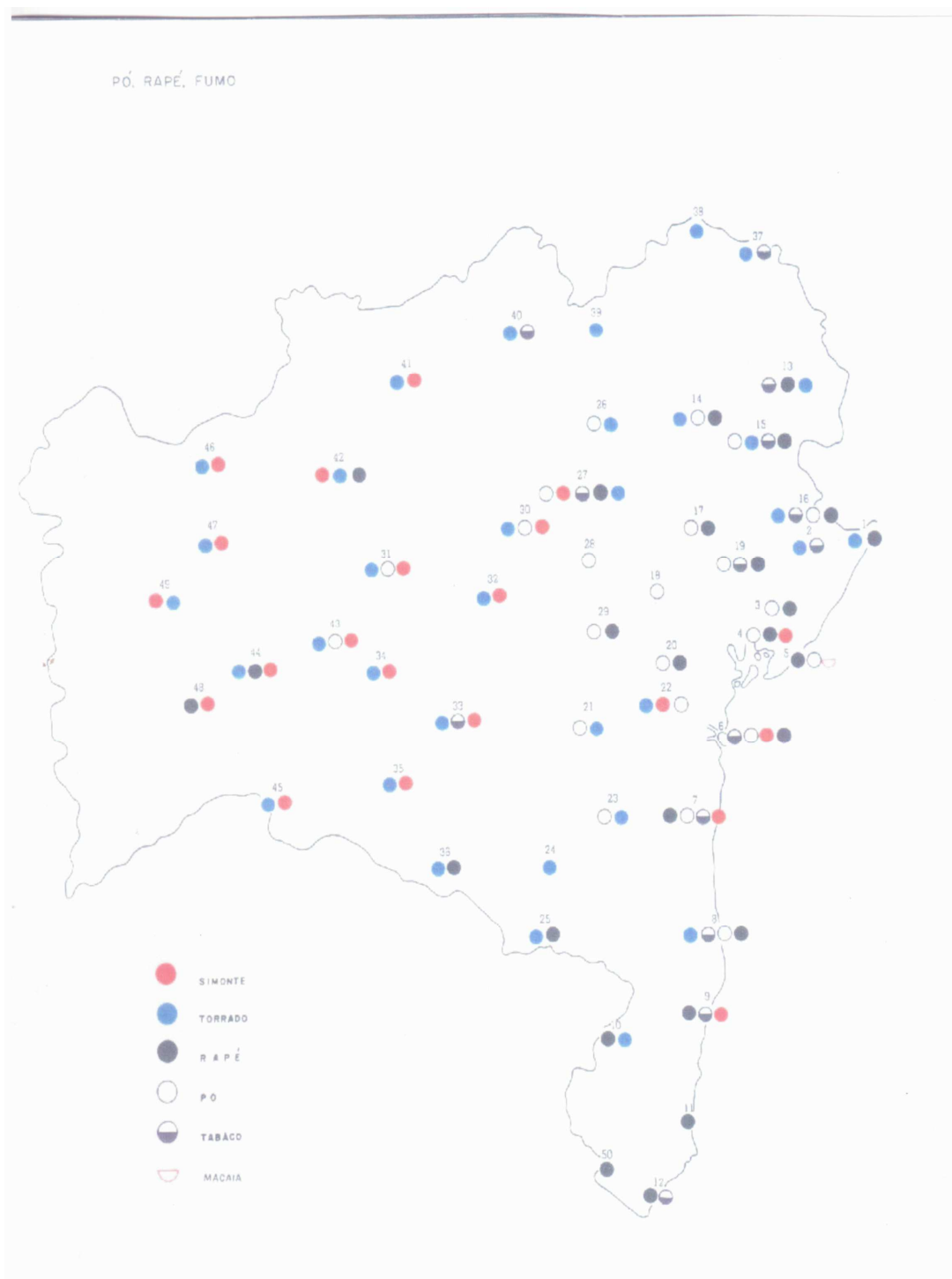


Figura 10 – Carta 52 R – Pó, Rapé, Fumo.

Fonte: ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

Além dos exemplos já citados, o *APFB* traz nas suas cartas dados etnográficos, muitos deles acompanhados de ilustrações de objetos segundo a descrição que apresentavam os informantes ou pela exibição que deles faziam, como se pode observar na Carta Etnográfica de nº 53 – Onde se guarda rapé.

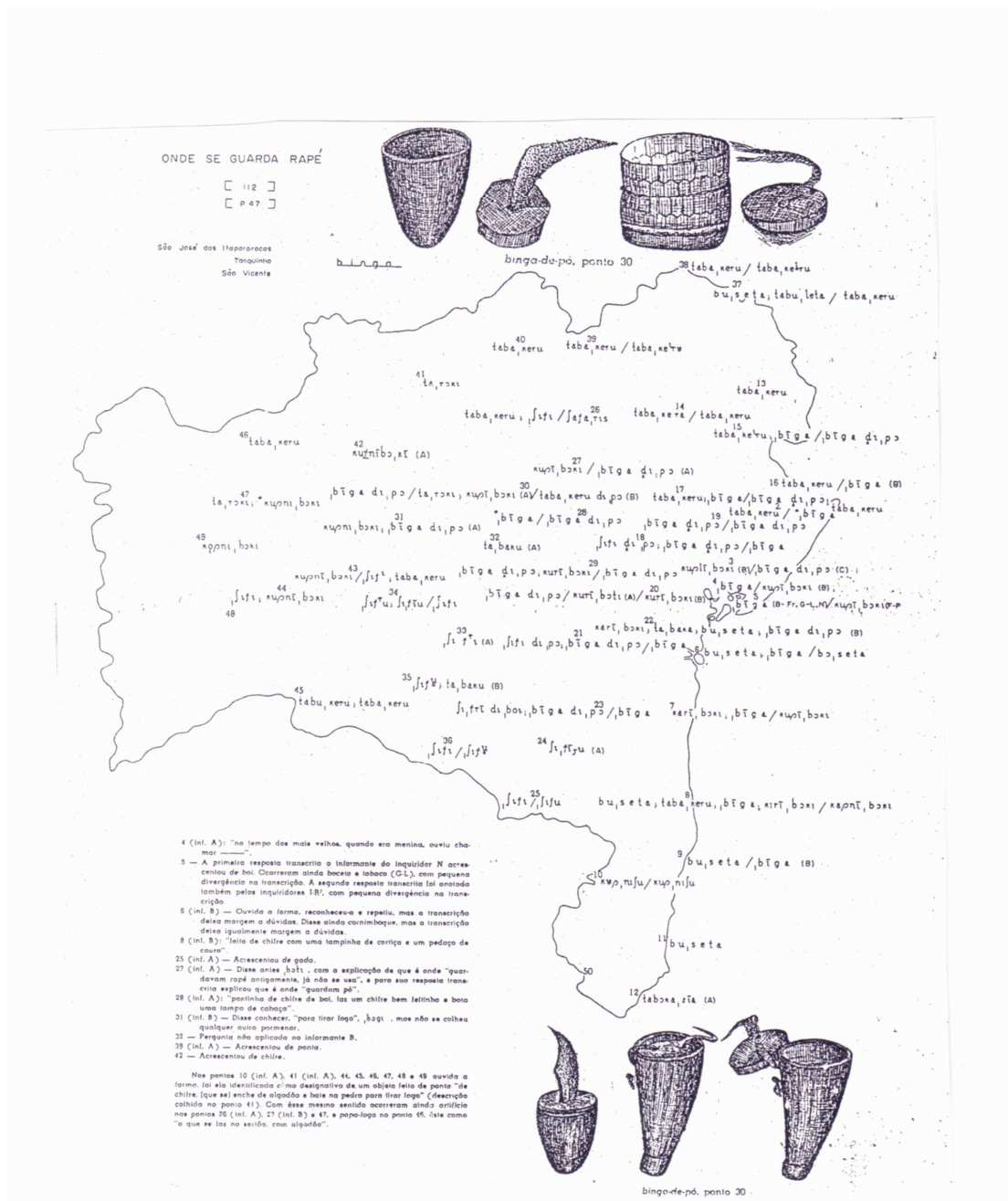


Figura 11 – Carta 53 – Onde se guarda rapé.
 Fonte: ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

3.2.7 Da importância e do mérito

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* se constitui em um marco nos estudos da Geografia Linguística no Brasil não só por ter sido o primeiro trabalho a ser publicado, mas por sua fundamental importância para o conhecimento do falar regional da Bahia e, por extensão, de grande parte do falar nordestino.

3.3 DAS ZONAS FISIAGRÁFICAS

À época da elaboração do *APFB*, vigorava a divisão regional em Zonas Fisiográficas que se definem como “uma das várias divisões de um País, região ou Estado e que guarda certos caracteres próprios, distintos dos demais”. (TERRAVISION, 2010).

A partir da década de 70, passou a vigorar o sistema de divisão em Mesorregiões de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE o qual esclarece que o caráter intrínseco da revisão da Divisão Regional do Brasil está fundamentado em um conjunto de determinações econômicas, sociais e políticas que dizem respeito à totalidade da organização do espaço nacional, referendado no caso brasileiro pela forma desigual como vem se processando o desenvolvimento das forças produtivas em suas interações, como o quadro natural. A informação do IBGE (2010) salienta, ainda que a Divisão Regional em *macrorregiões* – a partir de uma perspectiva histórico-espacial – enfatiza a divisão inter-regional da produção no país. Desse modo, a Divisão Regional do Brasil em *mesorregiões* buscou identificar áreas individualizadas em cada uma das Unidades Federadas, tomadas como universo de análise e definiu as mesorregiões com base nas seguintes dimensões: o processo social como determinante, o quadro natural como condicionante e a rede de comunicação e de lugares como elemento da articulação espacial.

No caso específico da Bahia, as Zonas Fisiográficas passaram a corresponder a 07 mesorregiões e a 32 microrregiões como se vê nos Mapas 2, 3 e 4, constantes no volume 2.

Em relação à aplicabilidade da divisão Regional do Brasil, o relatório do IBGE salienta que se buscou, através dessa divisão, a elaboração de políticas públicas: subsidiar o sistema de decisões quanto à localização de atividades econômicas, sociais e tributárias; subsidiar o planejamento, estudos e identificação das estruturas espaciais de regiões metropolitanas e outras formas de aglomerações urbanas e rurais.

3.4 DAS ETAPAS DESENVOLVIDAS NESTE ESTUDO

No desenvolvimento deste estudo, foram considerados aspectos linguísticos e extralinguísticos.

No que diz respeito aos aspectos linguísticos foram considerados fatores como:

- a) diversidade;
- b) etimologia, classificação morfológica, campo semântico;
- c) demarcação de subáreas dialetais.

No que concerne aos aspectos extralinguísticos, considerou-se a variação diatópica.

Os resultados colhidos foram demonstrados em mapas dialetais, sob a forma de cartas léxicas (54 ao todo, sendo 10 gerais e 44 de subáreas), além daquelas que ilustram as isoglossas das subáreas dialetais da Bahia.

Nesse sentido, e em função da extensão do estudo, a metodologia adotada passou por quatro etapas básicas:

- 1ª Da elaboração de um glossário;
- 2ª Do levantamento e da feitura de novas cartas lexicais;
- 3ª Da definição de subáreas dialetais;
- 4ª Da feitura de cartas de isoglossas.

Para cada uma das quatro etapas desenvolvidas, buscaram-se subsídios teóricos de natureza variada capazes de atender a enfoques diferenciados seja de natureza estritamente linguística, seja de cunho histórico

ou sócio-econômico. Acrescenta-se a essa base teórica, a análise de cartas semântico-lexicais com o objetivo de identificar possíveis isoglossas e de examinar as implicações sócio-históricas nas subáreas dialetais da Bahia.

3.4.1 - Primeira etapa – a organização de um glossário

A primeira etapa refere-se à elaboração de um glossário regional com base nos dados do *APFB*.

É consensual entre os linguistas a relevância do glossário, vocabulário ou dicionário regional, nos estudos de variação linguística de uma região. Concordam com esse ponto de vista Karl Jaberg, citado por Silva Neto (1957, p. 41):

Quer dizer que os dicionários, dialetais ou outros, são desnecessários? Certamente não: trazem uma riqueza de informações que nenhum atlas é capaz de dar [...] ²³

Com a finalidade de arrolar as lexias levantadas no *APFB*, optou-se por elaborar um glossário intitulado *A constituição de subáreas dialetais no falar da Bahia: o léxico no APFB – conceito, abonação e etimologia* (ver volume 3) o qual contém 720 lexias todas elas referentes ao registro no *APFB*, extraídas de *O Léxico Rural. Glossário. Comentários*, de Cardoso e Ferreira (2000), o qual reúne 880 formas devidamente cartografadas no *APFB* (1963) e no Atlas Linguístico de Sergipe – ALS (1987).

O Glossário está estruturado em verbetes, para cuja organização, foram considerados alguns critérios e a microestrutura do mesmo ficou assim definida:

1. A cabeça do verbete, aqui entendida como o *lema*, vem em caixa alta, seguida de ponto e em ordem alfabética.
2. A classificação morfológica em letra minúscula.
3. Cada verbete tem como *entrada* a forma ocorrente na região, independente de encontrar-se registrada ou não nos dicionários gerais da língua.

²³ Est-ce à dire que les dictionnaires, patois ou autres soient inutiles? Certainement non: on y trouve une multitude de renseignements qu' aucun atlas n' est capable de donner [...].

4. Nos casos de lexias não dicionarizadas, estabeleceu-se para a entrada do verbete a forma cuja realização foi majoritária.
5. A cabeça do verbete, aqui entendida como o LEMA, vem em caixa alta e seguida de ponto e em ordem alfabética.
6. Após a lexia, indicou-se a *classificação morfológica* em letra minúscula, seguida do *conceito* de acordo com o que já se encontra registrado no *O Léxico Rural. Glossário. Comentários* seguida dos pontos em que ocorreram a lexia, entre parênteses, e da abonação, quando houver. A *abonação* vem em itálico seguida, entre parênteses, do(s) ponto(s) de inquérito(s) onde ocorreu o registro. A seguir, se indica, entre aspas, o *conceito* registrado com base no que se apresenta no *Dicionário Eletrônico de Houaiss* (2010).
7. No caso da lexia que não se encontra dicionarizada, indica-se *Não dicionarizada* - [ND], ou *Dicionarizada com outra acepção* [DOA], sem o registro da acepção nova.
8. A Etimologia da palavra vem em itálico. Ressalta-se que em relação à etimologia foram pesquisados os dicionários etimológicos de Nascentes (1966), Machado (1967) e Cunha (2007), respectivamente. No glossário foram consideradas as etimologias dadas por Nascentes, num primeiro momento e, na falta dessa, considerou-se a etimologia encontrada em Cunha e, como uma alternativa complementar, considerou-se o étimo registrado em Houaiss (2010).

É importante frisar que a *etiqueta* utilizada na microestrutura, isto é, a representação diagramática dos verbetes é uma proposta da autora.

Alguns exemplos são colocados a seguir, em ordem alfabética, alguns com abonação, outros dicionarizados ou não, e uns com a etimologia.

1. ABÓBORA-CABAÇA-DOCE. s.f. Variedade de abóbora (48). [ND]. Abóbora, do lat. hispânico *apopores*. Cabaça, do quimbundo *kabasa*. Doce, do lat. *dulce*.
2. BACIA. s.f. Útero (1, 7, 24). [DOA]. De bacio, do catalão *bací*.
3. CABOTO. s.m. Cigarro feito à mão (5). [DOA]. De orig. obscura.
4. CACHECOL. s.m. Tipo de agasalho que envolve o pescoço (1, 2, 7, 8, 9, 15, 21, 25, 28, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 50): *lã, pele* (28). “Echarpe

- estreita de lã, seda ou outro tecido flexível, us. enrolada em torno do pescoço para proteger do frio ou como acessório”. Do fr. *cachecol*.
5. DENTE QUEIRO. s.m. Dente do siso (2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 49). “Regionalismo: Nordeste do Brasil. m.q. dente de siso”. Do lat. *dente*. Queiro, talvez forma sincopada de queixeiro. Provavelmente de *queixo* + *-eiro*, com síncope. [H].
6. ENGASTO. s.m. Parte terminal da inflorescência da bananeira (10, 11, 25, 34, 44, 49, 50). [ND].
7. FICHU. s.m. Tipo de agasalho (3, 6, 9, 13,17, 20, 32, 43). “Espécie de abrigo, de tecido leve e formato triangular, com que as mulheres cobrem a cabeça, pescoço e ombros”. Do fr. *fichu*.

Para a organização do glossário, partiu-se, inicialmente, da consulta a quatro dicionários gerais de Língua Portuguesa a fim de verificar os significados que são atribuídos nesses dicionários às palavras que constam em cada carta lexical, além de três dicionários etimológicos visando buscar o étimo de cada lexia. O uso de diferentes dicionários serviu, ainda, para comparar os conceitos atribuídos às palavras referidas por cada autor. A indicação da etimologia fez-se a partir da consulta a três dicionários etimológicos.

Os dicionários de Língua Portuguesa pesquisados foram:

1. HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva LTDA, 2001;
2. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed., revista e aumentada, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986;
3. AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed., Rio de Janeiro: Delta S/A, 1980;
4. SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Lisboa, Typographia Lacéudina, 1813.

Além desses, servimo-nos, também, do dicionário eletrônico de HOUAISS (2010) do qual se utilizaram as abonações registradas no Glossário.

Os dicionários etimológicos de Língua Portuguesa consultados foram:

5. CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982;
6. MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2 ed. Editorial Confluência: Lisboa. 1967;
7. NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1966.

Após as consultas, os dicionários etimológicos selecionados para registro no glossário foram postos na seguinte ordem: primeiro Nascentes, seguido de Cunha, Machado e, eventualmente, de Houaiss, na falta de registro do étimo nos três primeiros.

Desse modo, após a pesquisa nos dicionários, elaborou-se o Glossário: *A constituição de subáreas dialetais na Bahia e suas implicações sócio-históricas: o léxico no APFB – conceito, abonação e etimologia*. Além do glossário, foram elaboradas planilhas (ver Apêndices) contendo: 1. As lexias e os pontos de inquérito onde foram registradas; 2. A classificação morfológica das mesmas; 3. As lexias dicionarizadas e as não dicionarizadas. 4. A etimologia das lexias.

3.4.2 – Segunda etapa – o levantamento e a elaboração de mapas e cartas lexicais

O segundo item diz respeito ao levantamento e à feitura de mapas e cartas lexicais tomando por base as cartas linguísticas do *APFB* e suas variantes, os pontos de inquéritos e as localidades da pesquisa.

Para a elaboração desses mapas, priorizou-se a indicação das bases lexicais, optando-se assim pelo uso de símbolos representativos de cada uma das unidades lexicais consideradas. No primeiro momento, foram redesenhados (à mão) os 154 mapas do *APFB* que geraram 287 Cartas Léxicas, as quais foram denominadas de *Gerais* e de *Subáreas*.

Num segundo momento, foram elaboradas 54 cartas, mas decidiu-se apresentar somente 10 *cartas gerais*, a título de ilustração e 44 cartas de

subáreas, devidamente selecionadas para esse estudo. Foram excluídas das cartas léxicas constantes no *APFB* aquelas cujos títulos se iniciavam por “os tipos de...” e as “espécies de...”, o que constituiu um novo *corpus* de análise das fronteiras dialetais constantes na região da Bahia.

Posteriormente, determinaram-se 9 regiões linguísticas estabelecidas conforme as ocorrências das formas nas áreas definidas. Os itens considerados foram agrupados levando-se em conta a ocorrência em determinadas áreas. Daí, correlacionaram-se os itens linguísticos com a mesorregião, delimitando subáreas linguísticas, aleatoriamente denominadas de *Subárea A, B, C, D, E, F, G, H e I*.

Esclarece-se que, apesar de ter sido levado em consideração a delimitação geográfica das mesorregiões homogêneas da Bahia, como ponto de partida para a delimitação e análise das formas, tal fator não foi decisivo para o estabelecimento dessas subáreas. O que motivou a delimitação foram as ocorrências das formas numa determinada área.

Assim, após a delimitação dessas subáreas, definiram-se Cartas de *isoléxicas* representadas em cartas com traçado de isoglossas.

As *cartas gerais*, as de *subáreas*, juntamente com os mapas geográficos geraram o segundo volume da Tese.

3.4.3. – Terceira etapa – a definição de subáreas dialetais

No exame dos dados revelados pelas cartas linguísticas estudadas foi-nos possível perceber que há uma grande variedade de uso de lexias em relação aos itens semântico-lexicais e em determinados espaços, por outro lado, observou-se também que há uma concentração de algumas lexias em determinadas regiões como se observam nas cartas léxicas *gerais* e de *subáreas* constantes no volume 2.

Como já mencionado, inicialmente agruparam-se todas as 154 cartas semântico-lexicais que compõem o *corpus* dessa pesquisa, as quais foram redesenhadas, com utilização de legenda para indicação das denominações ocorrentes na carta, o que gerou uma lista com o total de 288 Cartas. Em seguida, as cartas foram agrupadas em:

a) Cartas com distribuição geral dos dados – encontram-se nessa categoria aquelas cartas que apresentam respostas a um item considerado, que se distribuem pela totalidade ou quase totalidade dos pontos da rede e foram denominadas de *Cartas Gerais*. Para seu estabelecimento consideraram-se os seguintes princípios:

- a) presença de resposta em diferentes mesorregiões;
- b) índice de localidades com a presença de resposta superior a 60% (30 pontos da rede, 2/3 dos pontos pesquisados). Ex. Carta 1 - Tipo de terreno: *tauá* (vol. 2), presente em 41 pontos da rede (2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 17, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50).

b) Cartas com dados específicos distribuídos descontinuamente – estão nessa categoria aquelas cartas com distribuição espacial generalizada e descontínua e com índice de ocorrência inferior a 40% (20 pontos da rede da pesquisa) e foram denominadas de *Cartas de Subáreas*. Para seu estabelecimento consideraram-se os seguintes critérios:

- a) a ocorrência do registro da(s) forma(s) em um mínimo de 3 pontos da rede (6%);
- b) a apresentação de certa continuidade areal. Exemplo: Carta 18 – Trabalhador de enxada: *pataqueiro* (vol. 2.), presente em 7 pontos da rede (13, 14, 15, 16, 17, 19, 26).

3.4.4 – Quarta etapa – da feitura das isoglossas

A quarta etapa da pesquisa refere-se à feitura das cartas de isoglossas. Para isso, foram utilizados os dados constantes nas 44 cartas léxicas de subáreas, que reúnem um total de 61 ocorrências, e, a partir dos agrupamentos da etapa anterior, empreendeu-se o estabelecimento de subáreas dialetais, buscando-se, para isso, correlacionar os usos linguísticos às mesorregiões do Estado – 1 - Metropolitana de Salvador, 2 - Nordeste baiano, 3 - Centro Norte baiano, 4 - Vale São-Franciscano da Bahia, 5 - Extremo Oeste baiano, 6 - Centro Sul baiano e 7 - Sul baiano, aqui denominadas, de forma aleatória, isto é, sem indicação de precedência ou hierarquia, de *Subáreas A, B, C, D, E, F, G, H e I*, conforme o Quadro 3, a seguir.

Mesorregiões Linguísticas	Mesorregião Geográfica - IBGE	Pontos de inquéritos - APFB
1	Metropolitana de Salvador	3, 4, 5
2	Nordeste baiano	1, 2, 13, 14, 15, 16, 17
3	Centro Norte baiano	18, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 32
4	Vale São-Franciscano da Bahia	37,38, 39, 40, 41, 42, 43, 45
5	Extremo Oeste baiano	44, 46, 47, 48, 49
6	Centro Sul baiano	21, 22, 23, 24, 25, 31, 33, 34, 35, 36
7	Sul baiano	6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 50

Quadro 3 – Mesorregiões Linguísticas e Geográficas/Pontos de inquéritos – APFB

Para o estabelecimento dos traçados de isoglossas, consideraram-se os seguintes critérios:

- a) a concentração da lexia destacada na(s) subárea(s) específica(s);
- b) a ocorrência do da lexia destacada em, no máximo, 29 pontos de inquéritos;
- c) o registro de, no mínimo, duas ocorrências por mesorregião integrante da subárea linguística;
- d) a correlação das áreas linguísticas (A, B, C, D, E, F, G, H, I) com as mesorregiões geográficas (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7);
- e) o registro dos das lexias destacadas no Glossário (vol. 3) e no Quadro 6 - Cartas Léxicas de Subáreas (vol. 2);
- f) a continuidade das formas no mesmo espaço geográfico.

Desse modo, partindo-se da coincidência de usos em uma dada região, agruparam-se as lexias com vistas a identificar a constituição de áreas específicas, do que resultou o estabelecimento de 9 subáreas, assim, delimitadas:

- Subárea A – mesorregiões 1, 2, 3, 6, 7
- Subárea B – mesorregiões 2, 3, 6, 7
- Subárea C – mesorregiões 1, 2, 3, 7
- Subárea D – mesorregiões 1, 2, 3

- Subárea E – mesorregiões 6, 7
- Subárea F – mesorregião 7
- Subárea G – mesorregião 3, 4, 6, 7
- Subárea H – mesorregião 3, 4, 5, 6, 7
- Subárea I – mesorregião 3, 4

Com base nesse agrupamento, foram geradas 09 cartas indicativas de *subáreas* denominadas de *isoléxicas baianas*, analisadas sob os aspectos:

1) Linguísticos:

- a) Diversidade de uso;
- b) Classificação Morfológica;
- c) Etimologia;
- d) Registro/Não registro nos dicionários;
- e) Campo Semântico.

2) Extralinguístico:

- a) Variação diatópica.